

# DE UM DIÁRIO VELHO

(Continuação da página anterior)

quadros românticos da tarde? As permanentes torres perfiladas de S. Francisco, um aeroplano... que me importa tudo isso, francamente?

A minha prisão é o meu mundo, aberto e vasto. Vivo nele incommunicável, limitada como um preso, forçada a virar-me para mim. Triste estado e tristes circunstâncias! Ninguém precisa de mim, nada me excita, nada se me oferece. O meu além espiritual e sentimental é tão exíguo! só me parece que mingua constantemente! Como os presos persisto passivamente em viver, de coração parado.

Mas nada disto merecia ser escrito, porque eu sei que a sua delicadíssima complexidade extravasa de toda a descrição.

Lembro-me de vez em quando de versos de C. P. Dêstes, agora:

*Floriram por engano as rosas bravas no inverno. Veio o vento desfolhadas...*

Inverno! Inverno é toda a duração de uma vida acanhada e romântica. As rosas bravas, os tais brevíssimos enganos, sobre que o vento sopra, são invenções poéticas. Que me perdoe C. P.

//

Achaste-me bonita. Tem graça! Algumas vezes me tens achado bonita, com a magia, a luz, o favor de uma hora, de uma ocasião...

Olhavas para mim e dizias: estás bonita. E' das côres desse roupão, ou é mesmo de ti.

Os teus olhos e as tuas palavras, nunca poucas, já me tem mais vezes rendido esse elogio. Elogio a que sorrio e que me repousa... Penso que por todos nós passam momentos de graça, e que tu sabes colher os que por mim passam, espírito de artista.

Pois sonhei que me tinham roubado o tal roupão... Gabaste-o, e gabaste-me!

E o sonho era incômodo. Procurava o roupão, achava-me sem êle, não sabia quem mo tinha levado...

Mas não te parece curioso o meu sonho? E sabes porque lhe chamo curioso? Deves saber, ter as mesmas experiências oníricas. (Que palavra! Cheira de longe a psicologia a metro...)

Sentia-me roubada, desfalcada na tal beleza!

Mas é curiosa uma preocupação destas, porque é uma preocupação! O receio de não seduzir mais... uma certeza que se quer afastar, que se teme...

//

Ocorreu-me esta manhã um dito e um olhar. Olhar que retive, que me acariciou, carregado de piedade e de simpatia; que em mim pôs, há dois anos e meio! Ficou-me lembrado...

Eu vinha de fora, de uma ausên-

cia de anos. Mas aquela expressão de olhos ia um pouco mais longe ainda! E envolvia-me quasi sem curiosidade, bondosamente, gentilmente. Convida-me a alijar enfados, já alijados...

Da minha parte não pude, por meio de um simples olhar também, desembaraçar-me daquela piedade desperdiçada; pude, apenas, agradecer-lá. E não me esqueci de tudo isto, brevíssimo e casual.

Aquele homem nutria por mim uma simpatia piedosa, lamentava-me, talvez.

Mas era mal empregada a sua piedade, com a intenção que eu lhe atribuía pelo menos.

Do que êle me devia lamentar era dos meus profundos desperdícios e incertezas; mas êsses não os conhecia êle.

Que me importavam os velhos êrros, as inutilidades e os seus absurdos, os ruins trechos de vida indesejada e involvida? Nada disso merecia um pensamento, e muito menos aquele formoso olhar, sabedor e caridoso.

A olhares como aquele queria eu reconhecer mais largas intenções. Intenções piedosas, também, mas diferentes, mas inconcretas! Queria que olhares daqueles me surpreendessem, como flores de consôlo, pela vida adiante. Que me cobrissem, e fôsem a real, anónima, inteligente, infinitamente subtil e dispersa piedade do mundo...

Nunca Mem pensou que um olhar seu, tão espontâneo, ficaria assim lembrado, de mim, com quem êle tão raramente se cruza! M. disse-me há dias que êle me apreciava. Sim, havia aquele olhar e algumas palavras simpáticas, esquecidas.

Aquele olhar, aquela bondade sincera!

//

Gostava de voltar a fazer contos.

O conto admite perfeitamente o simbolismo com toda a sua intensidade, admite-o muito melhor que a novela.

O conto pode tomar, naturalmente, por base o simbolismo. E isto pela sua própria ausência de limites, de cânones literários.

O simbolismo tem-me sempre tentado. Considero-o um molde, bem plástico e bem transparente, da mais viva sentimentalidade humana. E' como que uma vibração descoberta do espírito, um descarnamento da sua sensibilidade. Atravez de ligeiros accidentes romanêscos aparece uma realidade vibrante, e geral.

Houve muito tempo, anos, em que me entretive com símbolos, que me quiz projectar e traduzir nos símbolos literários... Passou-me o gôsto, voltou-me o gôsto... Mas hoje creio que mais o gôsto de os apreciar que de os cultivar. Em todo o caso, já três vagos assuntos

me ocorreram nestes últimos tempos. Mas tão vagos que até se confundem. Nem coragem tenho de os desembaraçar uns dos outros, ou de os bem ligar! e julgo que o meu actual amor do simbolismo é uma persistente curiosidade das atmoféras de vida, dos estados morais... diferente da antiga necessidade de extravasão.

Ah! mas eu gostava de descobrir símbolos, símbolos!... Lá ontem que há modernos contos simbólicos, da vida actual, sem lenda... Muito nos cativa o original, o novo!

Interrompeu-me a chegada da L. E' curiosa esta rapariga. Ao pé dela, dos seus 21 anos, nunca me sinto estranha, nem isolada, nem sequer velha... Triste sensação que se tem junto dos muito novos.

A L. partiu. Não é bonita, mas possui uma maleabilidade de espírito, uma prudência e um sentido de realidades e de valores, interessantes! Um não sei quê de inteligente e de experimentado que a particulariza, que lhe dá aspecto de mais velha e de serena...

A rapariga saiu e eu abri a janela para a ver. Vi-a só de costas, mas mesmo de costas me parecia alva.

Em presença dela, que tão simplesmente me falava da família desagregada e dos seus projectos de futuro, eu pensava de relance em outros tipos de mulheres. E forjava também a moral das duas pessoas a quem ela mais se referia; um tio e uma tia; êle generoso, revolucionário de condição, homem irrequieto, ela egoísta.

Como amamos e desamamos por conta alheia! Não somos senão cisternas de amor, de ódio, de curiosidade...

Da L. pensava: aqui está uma mulher afectuosa e trabalhadora; que fará dela a vida, ou que fará ela da sua vida? E lembrava-me de outras, muito diferentes. A Mil, por exemplo; várias vezes me ocorreu a figura dela, esteve aqui ante-ontem. Tão embocada e tão interesseira... E' delicada, é verdadeira, mas tudo nela é composto: o abrir dos olhos, com inocência e pasmo, combinado com o da boca, a garridice, nem sempre elegante... As suas horríveis luvas azuis e brancas! J. que da sua janela a via subir a rua, não sei quando, dizia-me que ela lhe parecia tal qual um andor: o passo, a cautela...

E no fim de contas o que é a Mil? Uma pobre rapariga, como qualquer outra! que nem feliz é. E' o seu empapelado, o seu engomado e o seu fútil exterior que a banalizam. Mas fundamentalmente não há um único ser banal, nem desprezível. A Mil tem até momentos bem simpáticos. E tem umas mãos tão extraordinariamente finas! Intimamente é discreta, concordante. Não, o ridículo não existe. O ridículo novelesco é absolutamente artificial; digo, o ridículo é sobretudo novelesco e artificial, não natural...